

Magistério do papa Francisco: *Evangelii Gaudium*

Lição 2

Reforma da Igreja em “saída” e “em conversão”

O primeiro capítulo de nosso texto é uma inauguração ao modo do documento de Aparecida, do qual o papa foi presidente de comissão de redação: o encontro com Cristo, o Jesus de Nazaré e seu evangelho, é a experiência espiritual e a alegria que se tornam fonte inesgotável de vida e de dom aos outros. A evangelização tem raízes nessa experiência ou seria uma triste mentira. Isso está decidido! Agora o passo seguinte: toda a relação com Jesus, como nos grandes momentos e figuras da Bíblia, é uma relação “em caminho”, é ir a ele e depois com ele andar. É seguir como discípulo, formar com Jesus uma “comunidade itinerante”, e ser enviado como evangelizador, carregando uma missão – ser missionário. O papa Francisco, nas atuais circunstâncias, insiste no movimento de “sair”. Ele insistiu mais de uma vez que prefere uma Igreja machucada por andar pelos caminhos rudes do mundo do que uma Igreja mofada e doente por se fechar sobre si mesma.

Sair

Um padre saiu e levou o confessionário consigo, colocando-o...na praia. É bem verdade que a confissão é um momento privilegiado de acolhimento, de escuta, de sinal da misericórdia, tudo o que o papa tem acentuado. É um momento precioso da graça. Mas sair com o velho confessionário? O que é “sair”, hoje, para o papa Francisco?

Sair é *primeirar* (neologismo argentino), ou seja: ir, “como primeiro”, tomar iniciativa. Não ficar esperando – para ver o que acontece. É inventar e se mover, envolver-se e envolver os demais, ir à frente sem temor, unir-se a quem vai à frente, encurtar distâncias, estar pronto e com humor para uma boa conversa em torno do evangelho. Não ter receio de ser contagiado, mas, pelo contrário, contagiar. Saber reconhecer a bondade que há nos outros, abençoar e festejar, acolher os sofrimentos e as misérias, tocar e abraçar os feridos. Inventar modos de semear, de transformar o “cheiro de ovelhas” em “perfume do encontro”.

Não é mais tempo de simplesmente administrar, ritualizar, presidir reuniões, mas de buscar contatos, andar por caminhos novos, assumir-se como enviado de Jesus.

Conversão

Quando o papa fala em “conversão”, não está pensando em conversão do indivíduo a Deus, o que é essencial. No contexto da Igreja, não está pensando em conversão do mundo à Igreja Católica, o que foi muito tradicional. Ele pensa uma pastoral em conversão e uma “conversão pastoral”, como já se insistiu em Aparecida: é, de certo modo, a Igreja que é chamada por ele a se converter ao mundo, não no sentido de se tornar mundana, mas de sair de si, de seus espaços próprios e habituais, e ir ao mundo novo, aos espaços novos para encontrar as pessoas lá onde elas estão.

De um modo muito especial o papa insiste em ir “às periferias”: periferias sociais e periferias existenciais. Lá onde está o povo, sobretudo o povo simples, o povo que só tem

ônibus para andar. Mas também o povo que sofre, que está se sentindo abandonado, etc. todas as periferias da existência humana são lugares prioritários de evangelização.

Isso não significa que a célula básica da presença institucional da Igreja, a paróquia, seja “estrutura caduca: possui uma grande plasticidade, pode assumir formas diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do pastor e da comunidade” (EG 28). Ela precisa ser uma irradiação que chegue às pessoas, às famílias, à vida do povo como esta vida acontece ao seu redor. Justamente porque a cidade, quanto maior, mais parece diluir e flutuar em suas relações, a tentação da paróquia é ir formando uma “panelinha” protegida. Ao contrário, uma plataforma aberta que não só flutue firme mas acolhe e se torne farol para quem anda cansado e aflito em suas andanças. Mas o papa acaba lembrando que ela deve ser completada por outras formas de comunidades, pequenas, de pertença, e no abraço maior à cidade, à diocese. Ele considera que o próprio papado, a sede vaticana, precisa de conversão (cf. EG 32).

A “conversão pastoral” parte do encontro do grito e da necessidade com a palavra do evangelho. Não se trata de ter um pacote de doutrinas e normas, clareza do que se pode e do que não se pode, etc. Ele lembra o concílio que apontou para uma hierarquia na importância das verdades, e que Santo tomas também falou de uma hierarquia na importância das virtudes morais. Quem quer tudo de repente também não consegue nada, quem exige tudo é mandado pra casa. Em primeiro lugar há o anúncio do amor misericordioso de Deus, a proposta de algo essencialmente bom. Há, depois, o trabalho do discernimento, de examinar e decidir quais os passos possíveis, o que se pode fazer juntos, etc. Para o papa Francisco está claro: o discernimento com a liberdade de Filhos e Filhas de Deus, com o evangelho e a assistência do Espírito Santo, está acima das leis. Somos limitados, frágeis, mas quem enviou vai junto com o enviado.

Questão: Quais as periferias sociais e existenciais estão reclamando “saída” e “conversão” em seu ambiente (cidade, área da cidade)?